

## Per Qualche Dollaro in Più... Um Clássico Indiscutível

“Numa época em que a vida não tinha valor, a morte, às vezes, tinha o seu preço. Por isso, surgiram os caçadores de recompensa”.

Com esta frase, logo após os créditos do filme “Por uns dólares a mais”, o segundo da “Trilogia dos Dólares” de Sérgio Leone, rodado em 1965, inicia-se um dos mais bem realizados *spaghetti westerns* de todos os tempos. Tomadas largas, close-ups distribuídos ao longo do filme, expressões dramáticas dos personagens, um relógio de bolso musical que dá o tom de toda a música, sendo o arco psicológico dos personagens, duelo dentro de uma igreja invadida (onde o som do órgão durante a música é tenebroso) e outros fatores que atraíram multidões aos cinemas, dando continuidade à característica ímpar da parceria Leone e Morricone nos westerns italianos.

Nesse filme, a música, por excelência, comanda muitas cenas, principalmente aquelas sem nenhuma fala dos personagens (aliás, característica marcante de Leone: poucos diálogos, muitos tiros, duelos intermediários, exibições de pontaria beirando o fantástico e, claro, a música, uma das mais belas já compostas por Morricone). Destaca-se, na composição, Alessandro Alessandroni, cujo coro que rege, conhecido como “I Cantori Moderni di Alessandroni”, destaca-se de modo primoroso, além dos assobios melódicos executados pelo próprio (aliás, Morricone diz que não existem mais assobiadores como Alessandroni).

Em síntese, dois caçadores de recompensas, Monco, interpretado por Clint Eastwood (1930) e o Coronel Douglas Mortimer, encarnado brilhantemente por Lee Van Cleef (1925-1989) estão atrás de uma mesma presa: o sádico e impiedoso “El Índio”, papel a cargo de Gian Maria Volontè (1933-1994), ator italiano que participou de vários filmes políticos, como “Sacco e Vanzetti”, “A Classe Operária Vai Ao Paraíso”, “O Caso Mattei”, “Giordano Bruno” e outros, com grande competência. “El Índio” e seu bando é procurado em várias cidades mexicanas, com a cabeça a prêmio em US\$ 10.000,00, uma fortuna na época em que foi caracterizado o filme (meados do século XIX). Para se ter uma ideia, um xerife na época recebia 2 dólares por dia de trabalho! Além disso, o bando por ele liderado (composto por 15 seres “angelicais”), somando o valor de cada, dá um total de mais US\$ 10.000,00, fora a recompensa pela devolução dos US\$ 500.000,00 que roubaram do Banco de El Paso (US\$ 40.000,00). Imaginem, então, a disputa. Todavia, Monco e Mortimer resolvem se unir para exterminar o bando, pois é melhor jogar 2 contra 15 do que apenas 1, conforme diálogo do filme.

Nota-se, ao longo de todo o filme, o estilo barroco arraigado nos personagens (onde os ideais, as virtudes, os conceitos de bem e mal são

contrapostos de modo marcante) e, também, o uso de flash-backs, quando “El Índio” relembra, de forma até comovente, o momento em que mata o noivo da irmã do Coronel Mortimer para tentar estuprá-la e esta, na agonia do momento, pega o revólver de Índio e se suicida.

Sendo assim, observamos que a ânsia de Mortimer em matar Índio a qualquer custo é motivada pelo lado estritamente emocional, tanto que, ao final do filme, quando finalmente o derrota no duelo (aliás, com uma música marcante, encadeada pelo som do relógio de bolso musical que Índio carrega), não aceita dividir a recompensa com Monco, dizendo: “não, o dinheiro é todo seu. Você merece!”

Em essência, o filme traz uma ótima dublagem para o italiano, apesar de alguns personagens serem americanos, austríacos, alemães, espanhóis (aliás, cada um decorava o texto em sua própria língua). O ator Benito Stefanelli (integrante do bando de Índio) conhecia bem o espanhol e o alemão e auxiliava no diálogo e entendimento das cenas.

No próximo mês, comentarei sobre “Il Buono, Il Brutto, Il Cattivo” (“O Bom, O Mau e O Feio”), conhecido também por “Três Homens em Conflito”, que fecharia a trilogia de modo exemplar, tanto na grandiloquência da história, como na própria trilha sonora, uma das mais conhecidas de todos os tempos. Até lá.

*Fernando Luis Costa Lemos*